



Um grande traque para essas bestas que alimentam guerras para se alimentarem delas e viva a paz.

A PAZ de ARISTÓFANES

M/12 ANOS

23 A 26 DE MAIO
às 21H30 no LARGO DA COPA

ENCENAÇÃO FERNANDO MORA RAMOS

INTERPRETAÇÃO: GUERRA ISABEL LOPES | REFREGA RAQUEL MONTEIRO
FILHAS DE TRIGEU CAROLINA ROSA* E MATILDE FIALHO | VENDEDORA DE
INFUSAS NEUZA NUNES* | VENDEDORA DE FOICES TERESA PAULA | TRIGEU
VICTOR SANTOS | HERMES ALEXANDRE CALÇADA | SEGUNDO ESCRAVO
FÁBIO COSTA | PRIMEIRO ESCRAVO JOSÉ FERREIRA | HIÉROCLES JOSÉ CAR-
LOS FARIA | CORIFEU CARLOS BORGES | DEUSA DA PAZ CIBELE MAÇAS
DEUSA DA FOLGANÇA DIANA GATA | DEUSA DOS FRUTOS MAFALDA TAVEIRA**
CORO NUNO MACHADO, MANUEL FREIRE, MANUEL GIL E OS ALUNOS DA
UNIVERSIDADE SÉNIOR ANTÓNIO VICENTE, LUÍS COUTO, FILIPE FERREIRA,
FERNANDO RODRIGUES, VÍTOR DUARTE E VIRGÍLIO PIMENTA

* ALUNAS ESTAGIÁRIAS DO 3.º ANO DO CURSO DE TEATRO DA ESAD/CR

** ALUNA DO 2.º ANO DO CURSO DE TEATRO DA ESTC/LX

ADAPTAÇÃO DE FERNANDO MORA RAMOS E ISABEL LOPES A PARTIR DA TRADUÇÃO DE MARIA
DE FÁTIMA SOUSA E SILVA | DRAMATURGIA E LETRA DA CANÇÃO ISABEL LOPES | ASSISTENTE
DE ENCENAÇÃO NUNO MACHADO | CENOGRAFIA JOSÉ CARLOS FARIA | FIGURINOS ISABEL
LOPES E JOSÉ CARLOS FARIA | DESENHO DE SOM FRANCISCO LEAL | ILUMINAÇÃO JORGE
RIBEIRO | MÚSICA FERNANDO LOPES E ANTÓNIO JOSÉ XAVIER | MARCHA FINAL FERNANDO
LOPES | CANÇÃO PAULO VAZ DE CARVALHO | MÚSICOS ANTÓNIO JOSÉ XAVIER, FERNANDO
LOPES E IVO SANTOS | TRATAMENTO PLÁSTICO DA CENOGRAFIA, ESCARAVELHO, ALTAR DAS
LIBAÇÕES E TAÇA DE OURO RUI ALVES | ADEREÇOS (FALO GIGANTE, FALOS DO CORO E CHAPÉU
DO HERMES) MARIANA SAMPAIO | OPERAÇÃO DE SOM FRANCISCO LEAL | OPERAÇÃO DE LUZ
FILIPE LOPES | MONTAGEM DE LUZ FILIPE LOPES E ANTÓNIO ANUNCIÇÃO | ASSISTENTE DE
LUZ E SOM SANDRA TEIXEIRA (VOLUNTARIADO)

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ANA PEREIRA | COMUNICAÇÃO NUNO MACHADO | IMAGEM PINTOR
JOCHEN BUSTORFF | DESIGN GRÁFICO JOSÉ SERRÃO | FOTOGRAFIA MARGARIDA ARAÚJO
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO E SECRETARIADO GERAL TERESA ALMEIDA

COSTUREIRAS AIDA PEDRO E ÂNGELA VICENTE | MONTAGEM DE SOM LOURISOM | CONSTRUÇÃO
DO CENÁRIO FAST-MADE, L.^{DA} | ANDAIMES CONTUBOS | BANCADAS PALCO E BANCADA | TRANS-
PORTES CARREIRA & SILVA, L.^{DA}

AGRADECIMENTOS JUNTA DE FREGUESIA DE N.ª SENHORA DO PÓPULO, COTO E SÃO GREGÓRIO,
CENTRO DE ARTES DE CALDAS DA RAINHA, RANCHO AS CEIFEIRAS DA FANADIA, SÉRGIO
PEREIRA, FILOMENA OLIVEIRA, INÊS PEREIRA E MARIA AMÉLIA FONSECA.

APOIOS À COMUNICAÇÃO

Gazeta das Caldas JORNAL CALDAS



INFORMAÇÕES 262 823 302 | 966 186 871

www.teatro-da-rainha.com

comunicacao@teatro-da-rainha.com

COMPANHIA FINANCIADA POR:



em baixo e em cima,
por cima e por baixo,
camasutrando de todas
as maneiras possíveis,
a vida explodia quando
a paz havia.

PAZ E TRAQUES:

o escaravelho libertador

A Paz é uma peça cômica. De um có-
mico escatológico. A humanidade começa
num cosmos chamado baixo ventre. De en-
tre as pernas e entre ambas elas entrelaça-
das o mundo surgirá — depois de alguma
ginástica natatória num mar de dentro,
o amniótico — um valente berro, mesmo
dois sucedendo-se. A vida começa com uma
palmada no rabo.

O que é hoje meio escondido — é um
oculto activo (a pornografia), indústria
primeira na economia mundial, como a
droga, substâncias primeiras deste capi-
talismo hiper-agressivo que veio com a
dama de ferro e o pistoleiro americano —
era entre os gregos graça diária, pilhé-
ria constante, liberdade dos corpos — as
hierarquias eram outras e a democracia
erguia-se sobre males de raiz, sabemos.

A palavra sem picante não pegava,
nem de estaca nem de semente, tinha um
valor absoluto e era solta, em crescendo
de se revelar as qualidades que continha
— as imagens ainda não eram as dos media
electrónicos, televisivos e só na pedra e na
impressão em madeira era caligrafada, gra-
vada na cera, impressa em papiro.

Sexo e palavra, mais que parentes eram
um fluxo comum, menos devedores de teias
de interpretação teológica a catecismar
criminalizando as consciências de pecami-
noso o que era e é apenas só guloso,

amoroso. A igreja não tinha ainda imposto
o cinto de castidade, nem o conto da casti-
dade: pecávamos, os humanos, sem neces-
sidade de redenção. O amor era amar, vivia
no vitalismo associado a ser-se humano,
dotado de inteligência e libido, contradição
motora de almas — em cada um de nós há
um animal, diz a canção, uma cobra, uma
fenda, uma amora preta. Os corpos falavam
então alto — agora falam dólares, há muita
venalidade no comércio d'almas que os cor-
pos transportam.

Em baixo e em cima, por cima e por bai-
xo, camasutrando de todas as maneiras pos-
síveis, a vida explodia quando a paz havia.
Os seres eram mais livres de pre-conceito e
buscavam conceitos para se entenderem, o
conhece-te a ti mesmo? Como saber? Mas as-
sim parece ser. Em alguns aspectos a história
é regressão. Pois, os gregos inventaram a de-
mocracia e não desinventaram a escravatura.
Mas o fenómeno é menos básico do que
parece, não é chapa cinco como convém a
quem não gosta de pensar mas quer ter tudo
arrumado no cérebro, como se este fossem
gavetas e zonas neuronais arranjadas por um
jardineiro da psique em auto-terapia.

Como modelo continuamos na Grécia.
Aliás com a queda dos chamados socialis-
mos reais esse modelo regressa com força
matriz, como a Revolução Francesa e a Co-
muna de Paris, mesmo que a França seja hoje
a tristeza que é, com as Lepenesis e outros
no género.

Mas a peça chama-se A paz, não se chama
As bacantes, nem propõe nenhuma espécie
de desregra que não seja amorosa, diria gas-
tero-amorosa — e baseada numa agricultura
sentido da vida, uma agricultura modo de
vida. A paz é identificada pela tripla Folgan-
ça, em actualês seria Curtição, pela Deusa
dos Frutos, hoje dir-se-ia Deusa das Formas
Boas (Marylin) e pela Paz propriamente dita,
aquela que existindo pelo que é (ausência de
guerra) tudo permite: a festa constante, as
actividades produtivas, o gozo das estações,
o que funda os sentidos da vida: o prazer do
amor, os prazeres do corpo, do convívio dan-
çado, da conversa, do copo, da lareira e da
colheita, do vinho, do outro em que me com-
pleto, do outro que quero conhecer.

Um lavrador Trigueu, farto da Guerra vai
ter com Zeus para lhe pedir que conceda a
Paz aos humanos. A Guerra do Peloponeso
durava há muito e continuaria depois de uma
paz curta. E quem lá está, no Olimpo, a tra-
tar dos tarecos dos deuses, é um deus ama-
do, popular, Hermes. Hermes faz negócios.
Trigueu consegue comprá-lo para a perspecti-
va de desenterrar a Paz pelo preço de umas
carnes, de uma taça de ouro e de vinho. Mas
antes foi necessário inventar o modo de voar.
Como? Se na visão trágica abundam os Pé-
gasos, na comédia vai-se de escaravelho. E o
que come o escaravelho? Um combustível
barato e bem mais mal cheiroso que outros:
trampa. Ora há portanto orçamento para
esta aventura espacial e não é necessária au-
torização do Centeno. A merda é nossa, é de
todos, é um bem comum.

Este o tom da brincadeira. Mas a brinca-
deira é séria: não estamos hoje imersos em
guerra constante? E não temos na frente dos
países generais ou quem gostaria de sê-lo a
querer esmagar cidades e países com os seus
pilões? Quem é este Trump senão um Cléon
(general ateniense empregado na guerra,
pois) empreiteiro, comerciante, nacionalista
e bestial? Vimo-lo no Iraque e vê-mo-lo na
Síria: se de um lado há ditaduras, do outro
há potência imperial destrutiva e luta entre
potências — venha o diabo e escolha, a escolha
não está entre uma coisa e outra, é outra coisa.

As verdadeiras tradições do Ocidente
são as desta Paz do Aristófanes, são as da
criação produtiva, as da cultura que emanci-
pa e não oprime. O mundo não está melhor
nem no Iraque, nem no Afeganistão, nem
na Líbia, nem na Palestina, nem, nem, nem.
Não haverá outras vias, as que sejam mesmo
as da Paz. Porquê este desprezo da diploma-
cia a que assistimos e esta sempre imposição
da lei do mais forte?

Que diz Aristófanes?

Um grande traque para essas bestas que
alimentam guerras para se alimentarem de-
las. E viva a Paz.

O contributo do teatro só pode ser este,
desvelar por um lado e por outro criar vida.
Essa é a maior das artes: viver.

FERNANDO MORA RAMOS

foi necessário
inventar o
modo de voar.
como?
se há visão
trágica
abundam
os pegados
na comédia
vai-se de
escaravelho.
e o que come
o escaravelho?
um
combustível
barato e bem
mais mal
cheiroso
que outros:
trampa.
ora há
portanto
orçamento
para esta
aventura
espacial...
a merda
é nossa,
é de todos,
e um bem
comum.

